

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O 60º DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES

(30 de abril de 2023 - IV Domingo de Páscoa)

Vocação: graça e missão

Amados irmãos e irmãs, queridos jovens!

É a sexagésima vez que se celebra o Dia Mundial de Oração pelas Vocações, instituído por São Paulo VI em 1964, durante o Concílio Ecuménico Vaticano II. Esta providencial iniciativa visa ajudar os membros do Povo de Deus a responder, pessoalmente e em comunidade, à chamada e à missão que o Senhor confia a cada um no mundo de hoje, com as suas feridas e as suas esperanças, os seus desafios e as suas conquistas.

Neste ano, proponho-vos refletir e rezar guiados pelo tema «Vocação: graça e missão». É uma preciosa ocasião para redescobrir, maravilhados, que a chamada do Senhor é graça, dom gratuito e, ao mesmo tempo, é empenho de partir, sair para levar o Evangelho. Somos chamados a uma fé testemunhada, que estreita fortemente o vínculo entre a vida da graça, através dos Sacramentos e da comunhão eclesial, e o apostolado no mundo. Animado pelo Espírito, o cristão deixa-se interpelar pelas periferias existenciais e é sensível aos dramas humanos, tendo sempre bem presente que a missão é obra de Deus e não a realizamos sozinhos, mas em comunhão eclesial, juntamente com os irmãos e irmãs, guiados pelos Pastores. Pois este sempre foi o sonho de Deus: vivermos com Ele em comunhão de amor.

Escolhidos antes da criação do mundo

O apóstolo Paulo abre-nos de par em par um horizonte maravilhoso: Deus Pai «escolheu-nos em Cristo antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis na sua presença, no amor. Predestinou-nos para sermos adotados como seus filhos por meio de Jesus Cristo, de acordo com o beneplácito da sua vontade» (Ef 1, 4-5). São palavras que nos permitem ver a vida no seu sentido pleno: Deus «concebe-nos» à sua imagem e semelhança e quer-nos seus filhos: fomos criados pelo Amor, por amor e com amor, e somos feitos para amar.

No decurso da nossa vida, esta chamada, inscrita nas fibras do nosso ser e portadora do segredo da felicidade, alcança-nos, pela ação do Espírito Santo, de maneira sempre nova, ilumina a nossa inteligência, infunde vigor na vontade, enche-nos de admiração e faz arder o nosso coração. Às vezes irrompe até de forma inesperada. Assim aconteceu comigo em 21 de setembro de 1953, quando, a caminho da festa anual do estudante, senti o impulso de entrar na igreja e me confessar. Aquele dia mudou a minha vida, dando-lhe uma fisionomia que dura até hoje. Mas a chamada divina ao dom de nós mesmos abre estrada gradualmente, através dum caminho: em contacto com uma situação de pobreza, num momento de oração, graças a um claro testemunho do Evangelho, a uma leitura que nos abre a mente, quando ouvimos uma Palavra de Deus e a sentimos dirigida precisamente a nós, no conselho dum irmão ou uma irmã que nos acompanha, num período de doença ou de luto... A fantasia de Deus que nos chama é infinita.

E a sua iniciativa e dom gratuito esperam a nossa resposta. A vocação é uma «combinação entre a escolha divina e a liberdade humana», [1] uma relação dinâmica e estimulante que tem como interlocutores Deus e o coração humano. Assim, o dom da vocação é como uma semente divina que germina no terreno da nossa vida, abre-nos a Deus e abre-nos aos outros para partilhar com eles o tesouro encontrado. Esta é a estrutura fundamental daquilo que

ÁGAPE

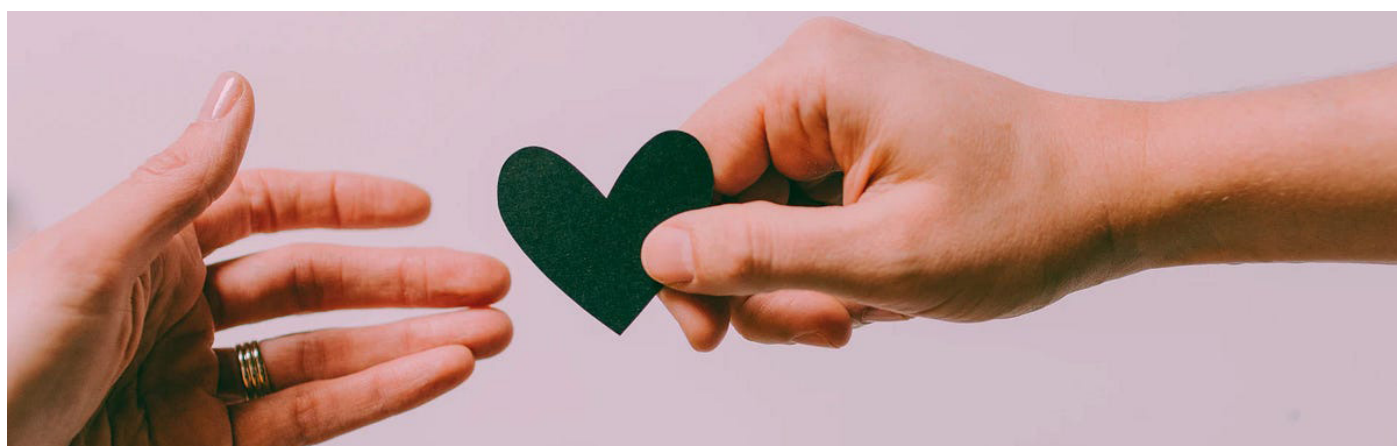
Ágape “exprime a experiência do amor que se torna verdadeiramente descoberta do outro. O amor torna-se cuidado do outro e pelo outro. Já não se busca a si próprio, não busca a imersão no inebriamento da felicidade; procura, ao invés, o bem do amado: torna-se renúncia, está disposto ao sacrifício”. **Bento XVI**

entendemos por vocação: Deus chama amando, e nós, agradecidos, respondemos amando. Descobrimo-nos como filhos e filhas amados pelo mesmo Pai, e reconhecemo-nos como irmãos e irmãs entre nós. Santa Teresa do Menino Jesus, quando «viu» com clareza esta realidade, exclamou: «Encontrei finalmente a minha vocação! A minha vocação é o amor! Sim, encontrei o meu lugar na Igreja (...): no coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o amor». [2]

Eu sou uma missão nesta terra

Como dissemos, a chamada de Deus inclui o envio. Não há vocação sem missão. E não há felicidade e plena autor-realização sem oferecer aos outros a vida nova que encontramos. A chamada divina ao amor é uma experiência que não se pode calar. «Ai de mim, se eu não evangelizar!»: exclamava São Paulo (1 Cor 9, 16). E a I Carta de João começa assim: «O que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos tocaram relativamente ao Verbo da Vida [feito carne] (...), isso vos anunciamos (...) para que a nossa alegria seja completa» (1, 1.3.4).

Há cinco anos, na exortação apostólica *Gaudete et exultate*, dizia eu a cada batizado e batizada: «Também tu precisas de conceber a totalidade da tua vida como uma missão» (n. 23). Sim, porque cada um de nós, sem exceção, pode dizer: «Eu sou uma missão nesta terra e para isso estou neste mundo» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 273).



A missão comum a todos nós, cristãos, é testemunhar com alegria, em cada situação, por atitudes e palavras, aquilo que experimentamos estando com Jesus e na sua comunidade, que é a Igreja. E traduz-se em obras de misericórdia materiais e espirituais, num estilo de vida acolhedor e sereno, capaz de proximidade, compaixão e ternura, em contracorrente à cultura do descarte e da indiferença. Fazer-nos próximo como o bom samaritano (cf. Lc 10, 25-37) permite-nos compreender o «núcleo» da vocação cristã: imitar Jesus Cristo que veio para servir e não para ser servido (cf. Mc 10, 45).

Esta ação missionária não nasce simplesmente das nossas capacidades, intenções ou projetos, nem da nossa vontade nem mesmo do nosso esforço de praticar as virtudes, mas duma profunda experiência com Jesus. Só assim podemos tornar-nos testemunhas de Alguém, duma Vida; e é isso que nos torna «apóstolos». Reconhecemo-nos então «como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 273).

Temos um ícone evangélico desta experiência nos dois discípulos de Emaús. Estes, depois do encontro com Jesus ressuscitado, confidenciavam um ao outro: «Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?» (Lc 24, 32). Podemos ver neles o que significa ter «corações ardentes e pés ao caminho». [3] É o que desejo também para a próxima Jornada Mundial da Juventude em Lisboa, que aguardo com alegria e que tem como lema: «Maria levantou-se e partiu apressadamente» (Lc 1, 39). Que cada um e cada uma se sinta chamado a levantar-se e partir apressadamente, com coração ardente!

Chamados juntos: convocados

O evangelista Marcos narra o momento em que Jesus chamou para junto d'Ele doze discípulos, cada um pelo próprio nome. Estabeleceu-os para estarem com Ele e os enviar a pregar, curar as doenças e expulsar os demónios (cf. Mc 3, 13-15). Assim o Senhor lança as bases da sua nova Comunidade. Os Doze eram pessoas de ambientes sociais

e profissões diferentes, não pertencentes às categorias mais importantes. Os Evangelhos referem ainda outras chamadas, como a dos setenta e dois discípulos que Jesus envia dois a dois (cf. Lc 10, 1).

O termo Igreja deriva precisamente de Ekklesia, palavra grega que significa assembleia de pessoas chamadas, convocadas, para formar a comunidade dos discípulos e discípulas missionários de Jesus Cristo, comprometendo-se a viver entre si o seu amor (cf. Jo 13, 34; 15, 12) e a espalhá-lo no meio de todos, para que venha o Reino de Deus.

Na Igreja, somos todos servos e servas, segundo diversas vocações, carismas e ministérios. A vocação ao dom de si próprio no amor, comum a todos, desenvolve-se e concretiza-se na vida dos cristãos leigos e leigas, empenhados a construir a família como uma pequena igreja doméstica e a renovar os diversos ambientes da sociedade com o fermento do Evangelho; no testemunho das consagradas e consagrados, entregues totalmente a Deus pelos irmãos e irmãs como profecia do Reino de Deus; nos ministros ordenados (diáconos, presbíteros, bispos) colocados ao serviço da Palavra, da oração e da comunhão do Povo santo de Deus. Só na relação com todas as outras é que cada vocação específica na Igreja se revela plenamente com a sua própria verdade e riqueza. Neste sentido, a Igreja é uma sinfonia vocacional, com todas as vocações unidas e distintas em harmonia e juntas «em saída» para irradiar no mundo a vida nova do Reino de Deus.

Graça e missão: dom e tarefa

Amados irmãos e irmãs, a vocação é dom e tarefa, fonte de vida nova e de verdadeira alegria. Que as iniciativas de oração e animação pastoral ligadas a este Dia reforcem a sensibilidade vocacional nas nossas famílias, nas paróquias, nas comunidades de vida consagrada, nas associações e nos movimentos eclesiais. Que o Espírito do Ressuscitado nos faça sair da apatia e nos dê simpatia e empatia, para vivermos cada dia regenerados como filhos de Deus-Amor (cf. 1 Jo 4, 16) e sermos, por nossa vez, geradores no amor: capazes de levar a vida a todos os lugares, especialmente onde há exclusão e exploração, indigência e morte. Que deste modo se alarguem os espaços de amor [4] e Deus reine cada vez mais neste mundo.

Acompanhe-nos neste caminho a oração composta por São Paulo VI para o 1º Dia Mundial das Vocações (11 de abril de 1964):

«Ó Jesus, divino Pastor das almas, que chamastes os Apóstolos para fazer deles pescadores de homens, continuai a atrair para Vós almas ardentes e generosas de jovens, a fim de fazer deles vossos seguidores e vossos ministros; tornai-os participantes da vossa sede de redenção universal, (...) abri-lhes os horizontes do mundo inteiro, (...) para que, respondendo à vossa chamada, prolonguem aqui na terra a vossa missão, edifiquem o vosso Corpo místico, que é a Igreja, e sejam “sal da terra”, “luz do mundo” (Mt 5, 13)».

Que a Virgem Maria vos acompanhe e proteja. Com a minha bênção.

Francisco



UMA JORNADA COM DEUS

Queridos Paroquianos,

No âmbito da Semana de Oração pelas Vocações 2023, venho partilhar convosco o meu testemunho vocacional, respondendo ao pedido do nosso Pároco Hugo.

Chamo-me Isabel Franco, nasci em Lisboa, tenho 21 anos, e desde sempre pertenci à Paróquia do Campo Grande.

Em setembro de 2022 ingressei como postulante no Convento de Santa Beatriz da Silva, em Viseu, para continuar o meu discernimento vocacional na Ordem da Imaculada Conceição – uma Ordem de vida contemplativa fundada por Santa Beatriz da Silva, uma santa portuguesa. Para tomar esta decisão, trilhei com Deus um caminho humano e espiritual cheio de contratempos. Surgiram dúvidas, fases difíceis, hesitações. Todavia, vou tentar contar-vos brevemente a minha jornada com Deus.

Nasci numa família católica praticante, onde os meus pais me mostraram diariamente como Deus está no centro das suas vidas. Com efeito, os meus pais acompanharam-me, fazendo com que crescesse em mim o desejo de viver mais próxima de Deus.

Neste sentido, a Paróquia do Campo Grande foi também uma das raízes vitais no «jardim» da minha fé. Os Padres que coincidiram com o meu percurso foram incansáveis evangelizadores e dinamizadores da Fé, pregando-a sempre de maneira sublime e concreta, e dando a vida pela nossa comunidade paroquial.

Em relação ao meu percurso na Paróquia, participei na Catequese do primeiro ao oitavo ano, e, após este itinerário, quis continuar a construir o caminho da Fé nos Grupos de Jovens Fraternos. Tanto as Catequistas como os Animadores que me acompanharam foram rostos de Jesus Ressuscitado, testemunhando-me a alegria, a beleza e a realidade da Fé.

Perante a Riqueza que a Paróquia me ofereceu, decidi servi-la dando Catequese Familiar ao primeiro e segundo anos, procurando comunicar às crianças a alegria do encontro com Jesus. Simultaneamente, fui escuteira dos 6 anos até entrar para o Convento. O tempo que estive nos Escuteiros foi essencial para o meu crescimento humano e espiritual, pois treinou-me para estar atenta ao próximo e ao bem-comum, desinstalando-me e possibilitando mostrar a fé através de obras.

No 12º ano, quando chegou o momento de escolher o curso, optei pela Licenciatura em Ciências Religiosas, pois queria aprofundar as razões da minha Fé, procurar respostas para as minhas inquietações mais profundas e estender aqueles momentos com Deus, que transcendem a alma.

O ambiente da faculdade e a atitude da minha irmã mais velha motivaram-me a fazer uma experiência diferente nas férias de verão do primeiro ano, em 2020. Em 2018, eu, as minhas irmãs e uma amiga participamos num encontro dinamizado pelas Irmãs Concecionistas Franciscanas de Viseu. No ano seguinte, a minha irmã curiosa por uma nova experiência, passou uma semana com as Irmãs dentro da clausura e, apesar de não se ter identificado com a rotina e a missão contemplativa, partilhou connosco que viveu uma semana muito enriquecedora, que as Irmãs eram muito engraçadas e empreendedoras, e que sentiu uma paz verdadeira. Perante esta partilha, comecei a pensar se devia atrever-me a experimentar, pois tinha-me marcado a alegria e a hospitalidade das Irmãs no encontro de 2018. Mas no «universo» dos meus pensamentos e dos meus preconceitos, tecia certezas de que não ia gostar. Ainda por cima, tinha tendência para me levantar tarde, desejava viver ainda muitas aventuras, gostava muito da minha família, de estar com amigos, e procurava descobrir qual a missão de Deus para mim.

Contudo, fiz a minha própria experiência, em 2020. Nessa semana, os preconceitos que tinha desfizeram-se, porque as Irmãs mostraram-me a beleza da vida consagrada, a importância da vida contemplativa para a Igreja e para o mundo, e a ternura de Deus. Encontrei-me com aquele tempo alegre e pacífico que só Deus pode oferecer, sentindo uma verdadeira liberdade e que, com a minha entrega e oração, podia ajudar muitas pessoas. Depois desta experiência tão significativa, nos dois anos seguintes mantive contacto com as Irmãs para amadurecer o meu discernimento e preparar a minha entrada mais comprometida no convento.

Atualmente, continuo a discernir, a abandonar-me à vontade de Deus e a deixar-me surpreender por Ele. Tenho tido muito presente na oração todas as pessoas que me ajudaram nesta jornada, as intenções da Igreja e as necessidades do mundo.

A ACONTECER

TERÇO DIÁRIO

A partir do dia 1 rezaremos o terço de segunda a Sábado, na nossa igreja, às 18:30. Em cada dia a oração será conduzida e animada por um grupo pastoral da nossa paróquia.

RETIRO PAROQUIAL

No próximo Sábado, dia 6, teremos das 15:00 às 18:30 o retiro paroquial de Páscoa. Um convite a parar e a rezar a alegria deste tempo que se estende até ao Pentecostes.